

O Legado de Nise da Silveira: a Presença de sua Metodologia e Terapêutica no Trabalho de Profissionais Vinculados à Saúde Mental

*Nise da Silveira's Legacy: the Presence of its Methodology and
Therapy in the Work of Professionals Linked to Mental Health*

Giovanna Salla
Marisa Vicente Catta-Preta

Resumo

O artigo explora a importância do trabalho feito por Nise da Silveira, e sua influência na prática de profissionais da saúde mental atualmente. Assim, ele busca compreender quais técnicas e práticas formuladas pela Dra. Nise da Silveira são conhecidas e aplicadas por profissionais que estão trabalhando atualmente na saúde mental, com pacientes psicóticos e esquizofrênicos. Para tanto, os dados foram coletados através de um questionário composto por 33 perguntas mistas. Foi descoberto que a maioria dos profissionais da saúde mental conhece Nise da Silveira e a associam ao tratamento humanizado, ao pioneirismo no cuidado antimanicomial e utilização de arte de forma psicoterapêutica. Entretanto, os profissionais desconhecem outras partes de seu trabalho, como as definições de afeto catalisador e inumeráveis estados do ser, e não a associam à Psicologia Analítica.

Palavras-chave: Nise da Silveira, Esquizofrenia, Saúde Mental, Antimanicomial.

Abstract

The article explores the importance of Nise da Silveira's work and its influence on current mental health professionals. It seeks to understand which techniques and practices developed by Nise are known and applied by professionals who work with psychotic and schizophrenic patients. Data were collected through a 33-question mixed questionnaire. The results show that most professionals are aware of Nise and associate her work with humanized treatment, anti-asylum care, and the therapeutic use of art. However, key elements of her methodology, such as catalytic affect, symbolic interpretation, and her connection with Analytical Psychology, are often overlooked.

Keywords: Nise da Silveira, Schizophrenia, Mental Health, Analytical Psychology, Art Therapy.

1. INTRODUÇÃO

Durante a época em que tratamentos como o eletrochoque, a lobotomia, o coma insulínico e a quimioterapia eram utilizados sem questionamento em pacientes psiquiátricos, Nise da Silveira revolucionou o atendimento à essas pessoas, recusando-se a participar dos métodos utilizados e investindo na descoberta de outras práticas (Silveira, 1992). Através de seu trabalho, Nise comprovou a existência do inconsciente coletivo, postulado por Carl Gustav Jung, na Psicologia Analítica (Jung, 2012).

Percebe-se, entretanto, um apagamento cultural e acadêmico do trabalho de Nise da Silveira, principalmente em relação à menção da doutora nos textos sobre a Reforma Psiquiátrica Brasileira, e dentro das universidades (Melo & Ferreira, 2013). Nascimento (2018) explica que, apesar da grande alteração estrutural no sistema de atenção à saúde mental causada pela Reforma Psiquiátrica, não houve extinção completa de alguns dos métodos utilizados antigamente, pois ainda existem leitos em hospitais psiquiátricos, além de instituições que já foram denunciadas por atuarem de formas análogas à prática manicomial.

Estudar a influência que Nise da Silveira tem hoje em dia no trabalho de profissionais de saúde mental, e que trabalham, principalmente, com pacientes psicóticos, é de suma relevância acadêmica, cultural e social. A partir disso, é possível obter um panorama da sobrevivência de suas práticas, e contribuir para que elas sejam disseminadas cada vez mais, barrando o retrocesso causado pelo avanço das práticas manicomiais.

Dessa forma, a presente pesquisa se propõe a compreender quais técnicas e práticas formuladas pela Dra. Nise da Silveira, usadas no setor de Terapêutica Ocupacional de um hospital psiquiátrico e posteriormente no Museu de Imagens do Inconsciente, são conhecidas e aplicadas por profissionais que estão trabalhando atualmente na saúde mental, com pacientes psicóticos e esquizofrênicos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Quem foi Nise da Silveira

Nascida em 1905 em Maceió, Alagoas, Nise da Silveira formou-se em medicina em 1926. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1927 e conseguiu um quarto no Hospital de Alienados (Mello, 2014). Foi aprovada, em 1932, no concurso de psiquiatria da Assistência a Psicopatas e Profilaxia Mental. Em 1936, foi acusada de posse de livros comunistas por uma enfermeira e foi presa. Seu aprisionamento durou de 26 de março de 1936 a 21 de junho de 1937. Após libertada, Nise se manteve em clandestinidade por 7 anos (Mello, 2014).

Ao ser anistiada em 1944, Nise começou a trabalhar no Centro Psiquiátrico Nacional em Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro (Mello, 2014). A lobotomia, o eletrochoque, o coma insulínico e o cardiazol eram tratamentos normalizados pela medicina da época, e foi com isso que a psiquiatra teve contato em seu retorno à profissão. Ao ser colocada na posição de executar esses “tratamentos”, Nise se recusou (Mello, 2014).

A Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (STOR)

Iniciando seu trabalho na Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (STOR), Nise preocupou-se com a base teórica na qual apoiar o seu trabalho (Silveira, 2015). Para tanto, investiu na aquisição de conhecimentos produzidos por diversos autores, o que tornou sua prática multidisciplinar. Destaca-se o papel da Psicologia Analítica em seu trabalho, pois foi a teoria que mais se encaixou com as experiências que Nise vinha obtendo através de seu trabalho com os internos do hospital. (Magaldi, 2020).

Nise observou que a mandala era um símbolo que aparecia recorrentemen-

te nas obras dos internos. Em 1954 enviou uma carta, junto com fotografias de pinturas dos internos, à Carl Gustav Jung, criador da Psicologia Analítica. A partir de sua carta e das fotografias, Jung confirmou que os trabalhos realmente eram mandalas (Mello, 2014). Isso levou os dois psiquiatras à conclusão de que a psique estava, ainda que com o ego em seu inconsciente, tentando restaurar a si mesma (Silveira, 1992).

Em 1946, a Seção de Terapêutica Ocupacional foi renomeada para Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (STOR). As atividades realizadas na Seção procuravam possibilitar a expressão do mundo interior dos clientes, além da relação entre o mundo interior e exterior. Considerando que a linguagem oral é comumente perdida e impossibilitada de ser utilizada pelos pacientes psicóticos e esquizofrênicos, sua única forma de comunicação e expressão está nas imagens (Mello, 2014).

Método Nise da Silveira

Através de minuciosa observação das obras produzidas pelos pacientes do hospital, Nise percebeu que as obras relatavam os traumas, as progressões, regressões, todo o processo psíquico e emocional que os pacientes estavam passando naquele momento (Silveira, 2015). Preocupada em conseguir compreender as expressões simbólicas dos pacientes, Nise buscou ajuda de Jung, que lhe recomendou o estudo da mitologia (Mello, 2014).

Através desse estudo, Nise reparou que muitos mitos apareciam nas obras dos pacientes, mesmo que eles não houvessem ouvido falar de nenhum deles antes. Essa descoberta comprovou o que já havia sido postulado por Jung sobre a constituição mitológica do inconsciente coletivo, além da própria existência do mesmo (Silveira, 2015).

Após estudar a esquizofrenia a fundo, Jung afirmou que ela é causada por um evento de forte carga emocional que leva à regressão do ego para o inconsciente. Neste inconsciente, o sujeito é assolado por imagens arquetípicas e perde-se na linguagem natural da psique – a linguagem das imagens. Por conta da intensidade dessas imagens, a personalidade se desintegra, levando à perda da dominância do complexo do ego, que é subjugado pelo inconsciente, fragmentando-se (Silveira, 2015).

Apesar da usual dificuldade de comunicação verbal com pacientes esquizofrênicos, Silveira (2015) defende que o esquizofrênico se comunica através das imagens e das atividades expressivas e, também através delas, do afeto e do ambiente acolhedor pode alcançar uma melhora significativa de qualidade de vida, e até mesmo cura.

Ademais, Nise da Silveira (2015) observou que os afetos, tanto externos quanto internos, atuavam como impulsionadores para os distúrbios esquizofrênicos iniciais, e que a subjugação do ego pelo inconsciente poderia variar de grau de gravidade, dependendo da força do ego e do inconsciente para essa determinação.

Jung (2013) ainda define que a psique é dotada de um movimento de autorregulação. Esse movimento funciona através do processo de compensação, que visa o equilíbrio psíquico. Nos esquizofrênicos, o mecanismo de autorregulação aparece, pelo observado por Nise, nas obras que expressavam mandalas. Isso porque a mandala é um símbolo de unidade e organização (Silveira, 2015). De acordo com Jung (2002), o círculo é um símbolo do Self, da totalidade psíquica, e ele está presente nas mandalas, fazendo com que elas representem essa totalidade. Além disso, as mandalas são compostas de dois aspectos básicos: um de restabelecimento da ordem que existia anteriormente e outro de criação de algo novo.

A partir dessas experiências, observações, estudos e aplicações práticas em atividades, Nise da Silveira estabeleceu critérios para o tratamento que era fornecido aos pacientes da STOR. Primeiramente, eram oferecidas oficinas de atividades diversas, das quais os pacientes poderiam escolher participar ou não e não haveria intervenção dos médicos nem dos monitores na escolha e nem na

atividade em si. Médicos e monitores estavam ali para oferecer apoio afetivo e observar, não para interferir. O ambiente deveria ser acolhedor, sem tantas restrições, regras, muros e punições. A presença de monitores, tanto pessoas quanto animais, era essencial para que os pacientes pudessem ter uma base afetiva no mundo externo, na qual conseguissem se apoiar, o que é chamado, por Nise, de afeto catalisador (Silveira, 2015). Além disso, as obras não eram apenas produzidas, mas também estudadas por Nise e pelo grupo de estudos do Museu. Este estudo culminava no acompanhamento dos casos clínicos, do processo psicótico e do surgimento dos temas míticos e universais (Mello, 2014).

O afeto catalisador é importante no tratamento dos esquizofrênicos, pois ele facilita o processo de autorregulação e ordenação da psique. Silveira (2015) explica que cada pessoa com a qual o esquizofrênico entra em contato pode agir tanto como catalisador quanto como inibidor, e isso afeta o processo terapêutico do paciente. Nise pôde observar a força do afeto catalisador em vários de seus pacientes, como por exemplo Raphael, que se apegou à Almir Mavignier, que estava sempre presente enquanto desenhava. Os desenhos de Raphael eram extremamente complexos, mas regrediram para rabiscos quando Almir precisou se mudar, e parou de frequentar o ateliê. Apenas quando a desenhista Martha Pires Ferreira começou a se aproximar de Raphael os desenhos do paciente voltaram gradativamente a ser mais elaborados e complexos (Mello, 2014).

Nise compreendia a loucura como inumeráveis estados do ser. A psiquiatra havia encontrado uma citação de Antonin Artaud, que mencionava um comentário de Victor Brauner sobre uma pintura, e dizia: "O ser tem estados inumeráveis e cada vez mais perigosos". Artaud correlacionou-a com a loucura, e os inúmeros estados em que ela coloca o sujeito acometido pela mesma. Nise achou essa a perfeita forma de descrever a loucura, criticando a definição sintomática da psiquiatria tradicional, que tanto deixava a desejar (Magaldi, 2020).

Após a criação das obras, Nise as estudava para compreender o processo pelo qual os pacientes estavam passando, para descobrir o que eles estavam tentando comunicar, e por quais temas míticos estavam sendo acometidos. Foi criado o grupo de estudos do Museu, para o estudo dessas imagens, do processo psicótico e dos temas míticos e universais. O grupo acompanhava a evolução dos casos, através de seus encontros, e havia constantes exposições das obras para que pudessem ser utilizadas nos estudos (Mello, 2014).

Dessa forma, o método de Nise da Silveira envolve desde a concepção do que é a esquizofrenia e de suas potencialidades de cura, até aplicações práticas de estabelecimento de vínculos e afetos, fornecimento de ambientes acolhedores, e estudos das obras produzidas pelos pacientes para compreensão de suas tentativas de comunicação. É um método complexo, prático, com respeito à liberdade e aos direitos humanos dos pacientes, com o objetivo de cura e melhora de vida dos mesmos.

Nise da Silveira no mundo atual

Em 2008, no Instituto Nise da Silveira, as enfermarias de crônicos foram fechadas, dando espaço para as moradias internas. Em 2010 e 2011, o Instituto começou a convocar o território para aproximação da clientela do mesmo com os CAPS. Em 2019, o serviço de internação de crise do Instituto acabou oficialmente. O CAPS Clarice Lispector foi criado para que os pacientes pudessem ser encaminhados. Atualmente, o Instituto fornece diversos espaços direcionados para a cultura, arte e lazer (Museu de Imagens do Inconsciente, 2021).

A antiga Colônia de Alienados do Engenho de Dentro, colônia do Hospício Pedro II, foi transformada em Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira (IMASNS), também conhecido apenas como Instituto Municipal Nise da Silveira, em homenagem à psiquiatra, no ano de 2000 (Prefeitura do Rio de Janeiro, 2021).

O processo antimanicomial de desinstitucionalização levou à transferência dos dois últimos internos do Instituto para as Residências Terapêuticas no ano de 2021 (Previdelli, 2021). O Instituto também já não recebe novas internações desde 2019 (Museu de Imagens do Inconsciente, 2021), e portanto, está oficialmente desconectado de seu legado manicomial. O Instituto continua, entretanto, oferecendo atividades e oficinas diversas para todos que precisem delas (Prefeitura do Rio de Janeiro, 2021).

Atualmente, há diversos serviços disponíveis no Instituto, como o Núcleo de Articulação e Intervenções Culturais (NAIC), o Ponto de Cultura Loucura Suburbana: Engenho, Arte e Folia e Bloco Carnavalesco Loucura Suburbana, o Centro de Convivência e Cultura Trilhos do Engenho, entre outros (Prefeitura do Rio de Janeiro, n.d.).

O Museu de Imagens do Inconsciente funciona como um centro de estudo e pesquisa das imagens. Ele contém um acervo de mais de 400 mil obras, e, para além das obras criadas na STOR e guardadas pelo Museu, novos frequentadores dos ateliês também podem compartilhar suas experiências e obras (Prefeitura do Rio de Janeiro, n.d.). Além disso, através da página do *Facebook* do Museu (Museu de Imagens do Inconsciente, 2022), é possível acompanhar os envolvimento do Museu em exposições e eventos tanto nacionais quanto internacionais.

A equipe do Museu também atende clientes e capacita monitores. O Centro de Documentação e Memória (CDM) faz o tratamento e a preservação dos acervos do Instituto e do conhecimento produzido sobre a loucura no país (Prefeitura do Rio de Janeiro, n.d.).

O Museu de Imagens do Inconsciente também reiniciou o grupo de estudos do Museu no dia 2 de março de 2021, agora no formato *online*, o que possibilitou que os encontros ficassem gravados na plataforma do *Youtube* e acessíveis para pessoas que não moram no Rio de Janeiro (Museu de Imagens do Inconsciente, 2021).

METODOLOGIA

Os dados coletados durante a pesquisa foram analisados através de ambos os métodos qualitativo e quantitativo, enquanto método misto, considerando que ambos são importantes para a compreensão dos fenômenos (Creswell, 2010).

O método quantitativo foi aplicado às respostas quantificáveis, para uma análise estatística. O método qualitativo foi aplicado às respostas abertas, abrangendo a subjetividade e o detalhamento das experiências dos participantes.

De início, foi feito um levantamento bibliográfico sobre os temas de Nise da Silveira, Terapêutica Ocupacional, o sistema de saúde mental brasileiro, a prática de medicalização, além de um maior aprofundamento na Psicologia Analítica e outros autores que influenciaram a psiquiatria. Então, foi formulado um questionário online com perguntas de múltipla escolha e perguntas dissertativas, abrangendo Nise da Silveira, seu método e também a Reforma Psiquiátrica e o cuidado em liberdade.

Em seguida, foram pesquisados grupos no *Facebook* para divulgação *online* do questionário. Os grupos foram selecionados com base em sua relação com o tema pesquisado, portanto, grupos que envolviam saúde, saúde mental, psicose e esquizofrenia, psicologia, psicologia analítica, psicanálise, hospitais e clínicas. O questionário também foi divulgado pela plataforma *Whatsapp* a 4 pessoas conhecidas pela orientadora e que se dispuseram a participar e a disseminar a pesquisa. Além disso, alguns panfletos foram criados com o link e o qr code da pesquisa para divulgação presencial em três CAPS diferentes na cidade de São Paulo.

Para análise dos resultados, foram buscados temas que se repetiam nas respostas para agrupamento dos conhecimentos, e posterior avaliação e comparação com as informações coletadas na revisão bibliográfica.

Resultados

Em análise dos dados iniciais, participaram da pesquisa 14 sujeitos, dos quais 50% tinham entre 30 e 40 anos de idade, 14,28% 41 a 50 anos de idade, 28,57% 51 a 60 anos de idade e 7,14% 61 a 70 anos de idade. Além disso, 1 (7,14%) participante disse ser assistente social; 1 (7,14%) participante disse ser técnico de farmácia; 2 (14,28%) sujeitos apontaram que eram enfermeiros; 10 (71,42%) sujeitos disseram ser psicólogos.

Quando perguntado onde trabalham, 1 participante (7,14%) apontou para a Secretaria de Estado da Saúde, no Núcleo Técnico de Humanização RRAS Franco da Rocha; outro participante (7,14%) indicou a Enfermaria de Saúde Mental em um hospital geral; mais um participante (7,14%) indicou o Serviço de Residência Terapêutica; 2 participantes (14,28%) disseram trabalhar em faculdade; outros 2 participantes (14,28%) indicaram a Unidade Básica de Saúde (UBS); 3 participantes (21,42%) apontaram para a clínica particular; e 7 participantes (50%) disseram trabalhar em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Dos 14 sujeitos, e podendo selecionar mais de uma resposta, 5 (35,71%) trabalham com crianças, 7 (50%) com adolescentes, 7 (50%) com idosos e 13 (92,85%) com adultos.

Ademais, 1 (7,14%) participante era de Minas Gerais; 1 (7,14%) de Pernambuco; 1 (7,14%) do Rio Grande do Sul; 3 (21,42%) do Rio de Janeiro e 8 (57,14%) de São Paulo.

Em relação às perguntas de múltipla escolha relacionadas à Nise da Silveira, 13 (92,85%) participantes disseram conhecê-la, enquanto 1 (7,14%) participante disse que não a conhecia.

Todos os sujeitos assinalaram que se fala de Nise em seu local de trabalho, mas 8 (57,14%) responderam que os colegas de trabalho a conhecem, 3 (21,42%) disseram que não sabiam se seus colegas de trabalho a conheciam, e 3 (21,42%) disseram que apenas alguns colegas de trabalho a conheciam.

Além disso, 12 (85,71%) participantes já haviam aplicado alguma oficina de arte com seus clientes, e 2 (14,28%) não. Posterior a isso, 8 (57,14%) sujeitos disseram que há leitura simbólica após as atividades, e 6 (42,85%) disseram que não há leitura simbólica.

Apenas 4 (28,57%) sujeitos conheciam a Casa das Palmeiras, enquanto 10 (71,42%) dos sujeitos apontaram não a conhecer. Entretanto, 12 (85,71%) participantes disseram conhecer as Residências Terapêuticas, e 2 (14,28%) disseram não as conhecer. Em relação ao Museu de Imagens do Inconsciente, 8 (57,14%) sujeitos apontaram que o conheciam, e 6 (42,85%) apontaram que não o conheciam.

Ademais, 11 (78,57%) participantes assinalaram que há pessoas acompanhando os clientes enquanto eles realizam as tarefas, 2 (14,28%) assinalaram que não há pessoas acompanhando os clientes – dos quais, um já havia apontado que sequer há oficinas de arte em seu local de trabalho – e 1 (7,14%) sujeito assinalou que há pessoas acompanhando os clientes às vezes.

Quando perguntado se os participantes conheciam a história da luta antimanicomial e da reforma psiquiátrica, todos assinalaram que sim, da mesma forma que todos assinalaram não quando perguntado se achavam que os clientes psicóticos deveriam ser privados de liberdade. A pergunta que se referia à crença dos participantes na importância das relações entre comunidade e de trânsito para o tratamento dos clientes psicóticos e/ou esquizofrênicos, todos assinalaram que sim, e em relação a pergunta se acreditavam que as oficinas poderiam ser terapêuticas, todos também assinalaram que sim.

Sobre a utilização de mitologia no trabalho dos profissionais, 8 (57,14%) participantes assinalaram que a utilizavam, e 6 (42,85%) assinalaram que não a utilizavam.

Os resultados das questões dissertativas envolveram: à pergunta "O que o seu trabalho envolve em termos de atividades?", grupos terapêuticos e matriciamento foram as atividades mais mencionadas. Além disso, os participantes também

apontaram para atendimento psicoterapêutico, oficinas, trabalhos na comunidade e/ou território, desinstitucionalização e política de humanização. A maior parte dos participantes apontou para mais de uma atividade como fazendo parte de seus trabalhos.

Sobre a pergunta que questionava quais oficinas já foram aplicadas pelos participantes com seus clientes, as respostas dividiram-se entre aqueles que não haviam aplicado nenhuma oficina e os que as aplicam ou já aplicaram antes. No segundo grupo, as respostas apontaram para oficinas de pintura, desenho, colagens, mosaico, cartazes e argila; oficinas de artesanato; oficinas de peças em madeira; oficinas de geração de renda; oficinas de teatro, poesia, dança e música; discussão de filmes e grupos de cinema; além de oficinas que são decididas a partir do interesse dos próprios clientes.

Quando perguntado sobre o conhecimento dos sujeitos sobre Nise da Silveira, houve algumas respostas diferentes. As respostas puderam ser agrupadas em três grandes grupos: sua profissão; seu trabalho; seus legados. Dentro do primeiro grupo, houve menções de sua profissão, ou seja, os participantes sabiam que ela trabalhava com terapia ocupacional embora fosse psiquiatra, e uma das respostas sabia que Nise havia sido a única mulher de sua turma na faculdade. Dentro do segundo grupo, as respostas mencionaram seu trabalho em terapia com arte, a utilização de recursos expressivos, a formação do ateliê de pintura, a utilização de animais como coterapeutas, a consideração dedicada ao vínculo afetivo, sua intersecção com Jung e com a psicologia analítica, seu trabalho com pacientes psiquiátricos, e o fortalecimento do protagonismo do cliente. Ressalta-se que apenas uma resposta mencionou Jung e a Psicologia Analítica. Dentro do terceiro grupo, as respostas mencionaram que Nise da Silveira revolucionou o cuidado em saúde mental e trouxe humanização ao atendimento psiquiátrico; criou a Casa das Palmeiras, construiu o Museu de Imagens do Inconsciente e influenciou na Reforma Psiquiátrica; e o pioneirismo de Nise no trabalho com a loucura. Uma das respostas a essa pergunta foi do sujeito que já havia apontado que não conhecia Nise da Silveira, e escreveu que não conhece sobre ela aqui também.

Perguntava-se, então, o que era falado sobre Nise da Silveira no local de trabalho dos participantes, e as respostas variaram entre as que mencionavam algum tipo de discussão sobre ela dentro do trabalho, as que apontaram que se fala pouco dela no local de trabalho e uma única resposta que apontou que não se discute Nise em seu local de trabalho. As respostas que referiram à pouca discussão sobre a psiquiatra dentro do local de trabalho, justificaram que há apenas um conhecimento superficial sobre ela entre seus colegas, e que envolve mais a imagem de Nise do seu trabalho. As respostas que apontaram que se discute sobre a psiquiatra no ambiente de trabalho, mencionaram os seguintes tópicos: que se fala sobre as oficinas de arte, sobre o acompanhamento e tratamento dos clientes, sobre a humanização das práticas, sobre o respeito aos direitos humanos, sobre o desenvolvimento da autonomia dos pacientes, dos cuidados em interação com a família e com a sociedade, além do conhecimento de que existem instituições e atividades com o nome da psiquiatra.

A partir da pergunta que se referia à ocorrência ou não de leitura simbólica após as atividades, questionava-se qual linha teórica ou método de interpretação era utilizado. A maior parte das respostas que responderam negativamente à utilização de algum método são dos mesmos sujeitos que apontaram que não há leitura simbólica após a produção das atividades. Três respostas se destacaram: Um sujeito apontou que há leitura simbólica após as atividades, mas respondeu à segunda pergunta que nenhuma linha específica era utilizada na interpretação, e que "Utilizo a mandala como forma de expressão e de autoconhecimento e reflexão para o usuário"; outra resposta que também apontou afirmativamente para a leitura simbólica, especificou que existe um momento para os usuários falarem sobre as suas produções para o grupo; a última resposta respondeu que

não havia leitura simbólica após as atividades, e especificou que essa leitura quase nunca é feita com os usuários, o que pode apontar para um mal entendimento da questão. Ademais, as respostas mencionaram principalmente a utilização da Psicologia Analítica, Psicanálise e Fenomenologia.

Foi perguntado, então, o que os participantes entendiam por afeto catalisador, cujas respostas puderam ser divididas entre as que disseram que desconheciam o termo e as que apontaram saber o que significava. Ressalta-se os dados dos sujeitos que admitiram desconhecer o que é o afeto catalisador, e que compõem um grupo de 4 (28,57%) sujeitos: um assistente social que não aplica atividades nem oficinas, não faz leitura simbólica mas disse conhecer Nise da Silveira; um enfermeiro que aplica oficinas de desenho, também não faz leitura simbólica e conhece Nise; outro enfermeiro que faz oficinas de mandala e pintura, faz leitura simbólica sem linha de interpretação específica e também disse conhecer Nise; um técnico de farmácia que já fez grupos de cinema, também não faz leitura simbólica e não conhece Nise. Dessa forma, o grupo que apontou conhecer o significado do termo foi composto de 8 (57,14%) sujeitos. As especificações fornecidas por esses participantes foram: a relação entre paciente e terapeuta, com afeto e confiança entre os dois; o apoio ao trabalho psicoterapêutico, entendendo que o afeto catalisador promove movimentação psíquica, auto-organização psíquica e coesão egóica; e a relação com animais, mencionada por um sujeito, que defendeu que o afeto catalisador envolve a relação dos clientes com os animais. Duas respostas foram desconsideradas: resposta do Sujeito J, por ter colocado apenas um ponto final, e não ter desenvolvido nenhuma frase além disso; e a resposta do Sujeito B, que expressava apenas "Que move em direção", portanto não pôde ser compreendida, pois lhe faltava clareza e especificação.

Em seguida, havia a pergunta: "O que você entende por inumeráveis estados do ser?". As respostas dessa pergunta também puderam ser agrupadas dentre as que apontavam não conhecer o termo – que foram 6 (42,85%) dos sujeitos –, e os que apontavam conhecer (57,14%). Neste segundo grupo, os sujeitos desenvolveram algumas explicações para o que "inumeráveis estados do ser" significa.

2 (14,28%) participantes disseram que o termo se refere aos vários modos de tratamento e de trabalho; 1 (7,14%) participante disse que o termo se referia à complexidade humana e seu repertório de comportamentos; outro participante referiu que o termo tem relação com o processo de individuação junguiano; e por último, 1 participante disse que o termo se refere à: "Expressão do ser através da arte" (Sujeito M).

Uma resposta (Sujeito J) também foi desconsiderada nessa questão, por estar novamente apenas com um ponto final.

A próxima pergunta questionava a forma como mitos e mitologia são utilizados. 5 (35,71%) afirmaram que não utilizam mitos e mitologia. Do grupo de 8 (57,14%) que disseram fazer uso dos mitos e da mitologia, mencionaram: um sujeito disse utilizá-los na fundamentação da leitura de imagens e na compreensão das situações; outro sujeito disse utilizá-los relacionando com o trabalho expressivo; um outro participante apontou que os utiliza após as discussões de equipe; um participante disse que são utilizados em outro departamento; enquanto outro sujeito disse que os mitos e a mitologia são empregados "por meio de contação de histórias e filmes" (Sujeito H); mais um participante disse que os dois são utilizados na amplificação de sonhos e estimulação de novos recursos de enfrentamento; um participante disse que faz uso de filmes, séries e desenhos com a finalidade de estabelecer um diálogo e acessar conteúdos subjetivos; por fim, um participante falou, "Através da teoria junguiana, como os arquétipos" (Sujeito M). A resposta do sujeito J. foi novamente deletada dessa questão, por estar digitado apenas um ponto final.

Perguntava-se, então, se os participantes achavam que os clientes psicóticos e/ou esquizofrênicos deveriam ser privados de liberdade, seguida do pedido para

que os participantes dissertassem sobre essa questão. Aqui, as respostas mencionaram tanto o quão inefetiva e violenta é a privação de liberdade para os pacientes, e o quão importante é a participação da família e da comunidade no tratamento dos pacientes psiquiátricos.

"A sociedade e sua família devem ajudar na inserção/reinserção dos indivíduos com transtornos mentais ao cotidiano de seus lares, oferecendo um convívio harmonioso, com expectativa de trabalho/ocupação, resignificando suas vidas. Para tanto, a equipe de saúde tem um papel fundamental, de fornecer-lhes todo o suporte para que isso se estabeleça, o Estado, por sua vez, deve desenvolver políticas públicas eficientes e equânimes, de inclusão desses cidadãos" (Sujeito C)

Também apontaram que o exílio social agrava o preconceito, o estigma, e o próprio sofrimento do paciente. Uma resposta pontuou a dificuldade que algumas famílias enfrentam no cuidado à esses clientes em casa:

"Acho que a reforma manicomial deve humanizar o atendimento nos hospitais. Muitas famílias não possuem condições de manter um paciente psicótico em casa. E nem sempre o atendimento nos CAPS é suficiente para cuidar ou dar o suporte necessário para o paciente e sua família. O regime aberto é importante, mas nem sempre a medicação está adequada e os pacientes não conseguem dormir à noite, necessitando de cuidados por parte de um familiar que terá que trabalhar no dia seguinte. Assim penso que internações por períodos curtos de tempo continuam sendo uma necessidade. Mas internações em lugares humanizados" (Sujeito I).

Uma resposta foi desconsiderada pois estava apenas escrito "pois eles têm" (Sujeito N), o que pode ter ocorrido por algum erro de digitação. Algumas outras dissertações sobre o assunto foram: "O cuidado não pressupõe ser em espaço restritivo, o cuidado deve ser no território, na comunidade" (Sujeito A); "A privação de liberdade é violenta e não é terapêutica; cronifica os pacientes; produz anulação de subjetividades e empobrecimento da vida social" (Sujeito D); "A liberdade de expressão é o caminho que conduz a verdade interior e as possibilidades de elaboração e transformação do sofrimento psíquico" (Sujeito E); "São inúmeras as comprovações de que a clausura, o confinamento trazem agravos imensos à saúde física e psíquica do sujeito, além de impedir o exercício pleno de cidadania deles" (Sujeito F).

"Porque os seres humanos se constituem na relação com os outros e excluir os psicóticos do convívio social apenas agrava o sofrimento psíquico deles, contribuindo para o preconceito e estigma da loucura, que está presente em maior e menor grau em todas pessoas" (Sujeito K).

Por fim, a pergunta: "O que você pensa sobre as oficinas de arte e de outras atividades?" teve respostas, em sua maioria, positivas. Os sujeitos mencionaram que as oficinas são ferramentas de expressão, socialização, comunicação, construção e produção – com a expressão sendo a funcionalidade mais mencionada. Além disso, os participantes sugeriram que as oficinas podem ser muito potentes, e são tão importantes quanto outras ferramentas psiquiátricas e psicoterapêuticas, principalmente considerando as melhores que são percebidas com os pacientes psicóticos. O Sujeito D disse perceber que, às vezes, as oficinas são utilizadas de forma superficial, quando relatou "Penso que muitas vezes são feitas de forma mecânica e esvaziada de significado, como mero passatempo. Mas, quando surgem do encontro entre demandas reais de um grupo social e de uma abertura interessada dos profissionais, são muito potentes".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados coletados, é possível inferir que os profissionais vinculados à saúde mental conhecem Nise da Silveira, mas argumenta-se que esse conhecimento é de certa forma superficial. Seu trabalho pioneiro na humanização do tratamento psiquiátrico e seu vínculo às artes é bem difundido no entendimento dos profissionais. Entretanto, seu trabalho posterior, no estudo individualizado das imagens e das obras produzidas pelos clientes, na leitura simbólica e na utilização desses conhecimentos para o processo psicoterapêutico dos clientes não são tão difundidos no trabalho dos profissionais atuais. Questiona-se o que é feito depois das oficinas atualmente, como as obras produzidas são utilizadas e compreendidas, e qual a direção que o tratamento toma para cada cliente. Sem um propósito posterior para as produções das oficinas, é possível que elas sejam esquecidas e sofram um esvaziamento de seu potencial psicoterapêutico – que pode ser diminuído, considerando que apenas uma parte realmente está sendo feita, que é a participação nas oficinas, mas a outra parte, posterior, está sendo negligenciada.

Além disso, os participantes não apontaram para a conexão de Nise da Silveira com a Psicologia Analítica, o que também aponta para uma lacuna no conhecimento do trabalho da psiquiatra. Apesar de Nise ter baseado diversas coisas em diversas áreas do conhecimento, e também em diferentes autores, seu vínculo com a Psicologia Analítica foi profundo e essencial para a continuidade de seu trabalho. Foi através do contato com a Psicologia Analítica que Nise encontrou subsídios para seu trabalho, e através de conversa com Jung percebeu que seus clientes estavam produzindo mandalas, e que estas tinham finalidades autorreguladoras. Foi também através de conversas com Jung, que Nise foi direcionada a estudar mitologia e aprofundar suas habilidades de compreensão de imagens (Mello, 2014). Entretanto, a imagem de Nise da Silveira é apresentada desvinculada de sua profundidade e complexidade teórica, apesar de ser uma imagem positiva e ligada ao valor psicoterapêutico das artes e das atividades expressivas.

Assim, do método de Nise da Silveira, o que mais está presente no trabalho dos profissionais vinculados à saúde mental atualmente são as oficinas de arte e de atividades expressivas, considerando o valor psicoterapêutico das mesmas, mesmo quando comparados às ferramentas psiquiátricas e medicamentosas. Além disso, as pessoas acompanhando os clientes nas oficinas apontam também para a adesão dos monitores, oferecendo uma base afetiva para o tratamento dos clientes, ainda que seja questionável quanta associação os profissionais fazem entre os acompanhantes e o afeto catalisador, para que sua importância seja realmente estabelecida dentro do método. Essa questão é levantada porque nem todos os participantes souberam explicar ou tinham conhecimento sobre o afeto catalisador: 11 (78,57%) dos sujeitos disseram que há pessoas acompanhando os clientes durante a realização das tarefas, e 8 (57,14%) apontaram que sabiam o que era o afeto catalisador, mas destas apenas 1 (7,14%) das respostas estava completa, ou seja, englobava tanto os vínculos afetivos nas relações do cliente quanto a razão que valida a importância desse vínculo para o tratamento.

Infere-se, portanto, que Nise da Silveira é conhecida pelos profissionais por seu trabalho psiquiátrico e pioneiro em humanização, além de estar sempre conectada às artes. Entretanto, a complexidade de seu trabalho parece estar ausente, ou pelo menos com lacunas, no conhecimento dos profissionais. Seu método envolve trabalhos anteriores e posteriores às tarefas, um cuidado afetivo com os clientes, leitura e compreensão simbólica, além do estudo de mitologia e símbolos. Parece que apenas a parte ativa, que seriam as oficinas em si, se mantêm na atividade profissional de saúde mental (Mello, 2014).

Melo e Ferreira (2013) apontaram para um apagamento cultural e acadêmico de Nise da Silveira, principalmente em relação ao seu papel na Reforma Psiquiátrica. Nesta pesquisa, observamos que Nise está associada à Reforma e à humanização no imaginário dos profissionais da saúde mental, mas o conhecimento

produzido pela psiquiatra aparenta estar defasado e superficializado. Considera-se uma psiquiatra do passado, também não é levado em conta as redes de apoio na saúde mental que recebeu de inúmeros profissionais de saúde, artistas, entre outros, bem como de sua equipe original que dá continuidade a novos trabalhos, mantendo suas ações desde o grupo de estudo, atendimento a novos clientes, catalogando novas obras, aumentando o acervo, participando de congressos e cursos de saúde mental em universidades, congressos e espaços de psicologia, bem como capacitando inúmeras pessoas que trabalham ainda no Museu de Imagens do Inconsciente e arte até o momento atual, há cerca de 23 anos.

Apesar de atingido o objetivo, sugere-se que mais pesquisas sejam feitas com a mesma finalidade, para que um maior número de profissionais da saúde mental possa ser alcançado, e assim, a comunidade científica e a acadêmica possam ter uma visão mais ampla do legado de Nise da Silveira.

Em 2019, a deputada Federal Jandira Feghali (PCdoB-RJ) submeteu o Projeto de Lei nº 6.566, que se propunha a inscrever Nise Magalhães da Silveira no Livro de Heróis e Heroínas da Pátria. Em 2022, o projeto foi vetado pelo atual presidente da República (Brasil, 2022). O veto foi, entretanto, derrubado pelos senadores e deputados neste mesmo ano. Dessa forma, mesmo com a intercorrência do veto, Nise foi inscrita como uma heroína da pátria (Senado Federal, 2022).

Dessa forma, o conhecimento sobre Nise da Silveira ainda sobrevive, mas é constantemente atacado e apagado. É preciso estudar e divulgar suas contribuições e métodos, pois o sistema de saúde mental só tem a ganhar com seu pioneirismo. ■

Giovanna Salla <psi.giovannasalla@gmail.com>

Psicóloga formada pela PUC-SP, pós-graduada na Metodologia de Nise da Silveira pela Unimes. Atualmente trabalha como psicóloga clínica e acompanhante terapêutica.

Marisa Vicente Catta-Preta <mvcpreta@pucsp.br>

Psicóloga clínica na abordagem junguiana; professora e supervisora nas disciplinas de Psicologia Analítica da PUC de SP e no COGEAE-PUC no aprimoramento de adultos em psicologia analítica. Coordenadora do curso de pós-graduação "O mundo das imagens: teoria e prática na terapêutica de Nise da Silveira". Autora de livros e artigos nessa abordagem.

REFERÊNCIAS

Brasil. (2019). *Projeto de Lei nº 6.566, de 2019: Inscreve o nome de Nise Magalhães da Silveira no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria*.

Brasil. (2022). *Veto nº 25, de 2022: Veto total ao Projeto de Lei nº 6.566, de 2019 (nº 9.262/2017, na Câmara dos Deputados), que inscreve o nome de Nise Magalhães da Silveira no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria*.

Jung, C. G. (2013). *A natureza da psique* (10ª ed.). Vozes. (Original publicado em 1971)

Jung, C. G. (2012). Inconsciente pessoal e inconsciente coletivo. In *O eu e o inconsciente* (2ª ed., pp. 15–26). Vozes. (Original publicado em 1971)

Magaldi, F. (2020). *Mania de liberdade* (1ª ed.). SciELO/FIOCRUZ.

Mello, L. C. (2014). *Nise da Silveira: Caminhos de uma psiquiatra rebelde* (2ª ed.). Automatica.

Melo, W., & Ferreira, A. (2013). Clínica, pesquisa e ensino: Nise da Silveira e as mutações na psiquiatria brasileira. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 16(4).

Museu de Imagens do Inconsciente. (2022, agosto). *Images from the unconscious*. Facebook. <https://www.facebook.com/ImagensMuseu/photos/a.866799960037393/5151055044945175/>

Museu de Imagens do Inconsciente. (2021, 11 de maio). *O fim do manicômio: Os caminhos do Instituto Nise da Silveira* [Video]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=AGhXhhDaOgY>

Nascimento, L. R. do. (2018). *Reforma psiquiátrica brasileira* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Goiás). Repositório da Universidade Federal de Goiás.

Prefeitura do Rio de Janeiro. (n.d.). *Instituto Municipal Nise da Silveira: Detalhamento do Instituto e seus serviços*. <https://imnisedasilveira.org>

Prefeitura do Rio de Janeiro. (2021). *Instituto Municipal Nise da Silveira encerra hospitalização de pacientes psiquiátricos*. <https://prefeitura.rio/saude/instituto-municipal-nise-da-silveira-encerra-hospitalizacao-de-pacientes-psiquiatricos/>

Previdelli, F. (2021, 14 de fevereiro). *Instituto Nise da Silveira, o mais antigo hospital psiquiátrico do país, encerra suas atividades*. Aventuras na História. <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/instituto-nise-da-silveira-o-mais-antigo-hospital-psiquiatrico-do-pais-encerra-suas-atividades.phtml>

Senado Federal. (2022, 11 de julho). *Após veto derrubado, lei considera Nise da Silveira como Heroína da Pátria*. Senado Notícias. <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/07/11/apos-veto-derrubado-lei-considera-nise-da-silveira-como-heroína-da-patria>

Silveira, N. da. (2015). *Imagens do inconsciente* (5ª ed.). Vozes..

Silveira, N. da. (1992). *O mundo das imagens*. Ática.